

AÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL JUNTO A GESTANTES, PARTURIENTES E PUÉRPERAS: UM ESTUDO REALIZADO NO HOSPITAL ESCOLA (HE UFPel)

Bruna Irigonhé Ramos¹; Rafaela Miranda dos Santos²; Nicole Ruas Guarany³

¹*Universidade Federal de Pelotas – irigbru@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rafamirandass35@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – nicolerg.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional embasa sua intervenção através do direcionamento de conceitos que fundamentam as ações para o desempenho ocupacional, abrangendo aspectos sobre as Atividades de Vida Diária (AVDs); Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs), bem como as demais ocupações que envolvem lazer, educação, trabalho e participação social, com ênfase na promoção da participação ativa do indivíduo em seu cotidiano (CONCEIÇÃO *et al.*, 2020 *apud* ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL, 2015).

Dessa forma, é uma profissão que pode atuar na saúde da mulher, em especial na área materno-infantil, já que possui respaldo para direcionar suas práticas ao desempenho da maternidade, manutenção da autonomia e independências nas AVDs e AIVDs, fortalecimento de vínculo entre mãe-bebe-família, além de promover saúde e prevenir agravos (CONCEIÇÃO, *et al.*, 2020).

Entretanto, apesar de existirem estudos e comprovações teórico-científicas de que a Terapia Ocupacional possui potencial para contribuir de forma significativa com gestantes, parturientes e puérperas, ainda percebe-se a atuação como incipiente e pouco explorada, já que grande parte dos periódicos encontrados foram publicados para mais de dez anos, por exemplo.

Sendo assim, procurou-se identificar as possíveis contribuições da profissão em uma unidade gineco-obstétrica e maternidade de um hospital universitário na cidade de Pelotas, a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas, além da Terapeuta Ocupacional atuante no local, para divulgar a atuação terapêutica ocupacional, bem como embasar a prática profissional com tal público. Acredita-se que dessa forma será possível demonstrar a

potencialidade dos atendimentos de Terapia Ocupacional junto a gestantes, parturientes e puérperas.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho está delineado como pesquisa-ação e pesquisa de campo, em que mulheres internadas em um centro obstétrico e maternidade de um hospital universitário na cidade de Pelotas foram entrevistadas a partir de questionários estruturados, abrangendo questões sobre seus sentimentos, expectativas e conhecimento prévio acerca do processo em que estavam vivendo, além de incluir as observações realizadas pelas pesquisadoras. Outrossim, realizou-se entrevista com a Terapeuta Ocupacional vinculada à instituição acerca de sua atuação nas unidades citadas.

Todas as variáveis coletadas, tanto qualitativas como quantitativas, foram analisadas através do programa *Excel*, por frequências simples, construindo, assim, um banco de dados para facilitar a análise das respostas obtidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houveram, em sua totalidade, 64 participantes, entre gestantes (n=21), parturientes (n=4) e puérperas (n=39). Em relação às gestantes, a maior parte delas já havia passado por gestações anteriores e eram solteiras, autodeclaradas brancas e desempregadas (“do lar”). Acerca do motivo da internação hospitalar, a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e a diabetes mellitus gestacional (DMG) foram as condições clínicas mais apresentadas.

Além disso, algumas gestantes possuíam mais de um fator de risco ao mesmo tempo, manifestando infecção do trato urinário, pneumonia, trabalho de parto prematuro, acretismo placentário e idade avançada da gestante como demais patologias. No que tange ao direito pela presença de acompanhante no trabalho de parto (Lei nº 11.108/2005), todas as participantes tinham conhecimento do mesmo. Por fim, 20 gestantes tinham desejo de amamentar seus filhos.

Durante a observação dos trabalhos de parto, em três dos quatro casos, foi constatada a presença de acompanhante do sexo feminino, sendo elas mãe (n=2) e tia (n=1) das parturientes, situação que pode estar associada a origem do parto

ser essencialmente feminina e a necessidade de compartilhar a experiência com alguém que possa às compreender, de fato (DE OLIVEIRA et al., 2011).

Sobre as puérperas, a maioria não possuía profissão, eram autodeclaradas brancas e solteiras. No que diz respeito à amamentação, 32 mulheres responderam que sentiam-se preparadas e que haviam recebido orientação, por parte da equipe hospitalar, em relação ao assunto. Durante o puerpério, é comum que os sentimentos de ansiedade e insegurança sejam presenciados, “tendo em vista que a nova situação exige da mulher um lento e gradual processo de incorporação à nova condição física, psicológica e social (MEIRELLES; ALEVATO; ANTÔNIO, 2022)”.

Para além, quando questionadas sobre a presença de companheiro(a) nos cuidados com o recém-nascido, a maioria considerou que compartilhariam a fase com seus cônjuges, apesar da presença de respostas negativas, em 6 casos. Faz-se necessário entender que a participação familiar, em especial a do pai, torna o puerpério menos extenuante à mãe e que tal presença contribui para o desenvolvimento e crescimento saudável da criança, garantindo bem-estar e satisfação a todos os envolvidos, por exemplo (GUTMANN et al., 2018).

Por fim, a Terapeuta Ocupacional que pode atender a maternidade do Hospital em que ocorreu a pesquisa, respondeu que os encaminhamentos chegam até a mesma por meio de consultoria médica. No que tange às parturientes, a profissional relatou que nunca as acompanhou. Ademais, citou como principais desafios, a falta de reconhecimento da equipe em relação a T.O e a escassez de espaço e/ou recursos.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebe-se que o maternar engloba um compilado de mudanças físicas, psíquicas, sociais e ocupacionais para as mulheres. Para tanto, o Terapeuta Ocupacional pode incluir em suas intervenções, práticas que façam das gestantes, parturientes e puérperas, as protagonistas de seus processos gravídicos-puerperais, resgatando a autonomia, favorecendo o empoderamento, contribuindo na manutenção do vínculo mãe-bebê, produzindo educação em saúde e contribuindo para a reconquista dos papéis ocupacionais exercidos antes da maternagem, intervindo, também, na manutenção da autonomia e independência nas AVDs e AIVDs.

Assim, a orientação, escuta ativa, o apoio físico e emocional, bem como adaptações no ambiente, o incentivo a amamentação e informações sobre o desenvolvimento infantil, são recursos presentes dentre as possibilidades profissionais da Terapia Ocupacional com o grupo citado.

Para além, os T.Os podem construir uma relação de comunicação com a equipe de obstetrícia para garantir equipamentos e adaptações necessárias para um parto seguro e digno, como camas adaptadas, banheiros acessíveis, entre outros. Nessa perspectiva, o apoio aos componentes psicossociais como valores, interesses, habilidades interpessoais, autocontrole e outros, também são aspectos a serem incluídos na prática terapêutica ocupacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO da, R. M. *et al.* Atuação terapêutica ocupacional em um centro obstétrico de alto risco. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 28, n.1, p 111-126, 2020.

Brasil. (2005). Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília.

OLIVEIRA de, A. S. S., *et al.* O Acompanhante No Momento Do Trabalho De Parto E Parto: Percepção De Puérperas. **Revista Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 16, n. 2, p. 247-253, 2011.

MEIRELLES, L. X., ALEVATO, I. A. S. C., ANTÔNIO, R. C. S. Os sentimentos vivenciados pelas puérperas no pós-parto: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Revista Científica do UBM**, Rio de Janeiro v. 24, n. 47, p. 71-88, 2022.

GUTMANN, V. L. R., *et al.* Cuidados com o recém-nascido: a contribuição do pai no aleitamento materno. **Vitalle - Revista de Ciências da Saúde**, Rio Grande, v. 30, n. 2, p. 21-30, 2018.